

*Considerações sobre a
Cultura Visual e sua
influência no imaginário
adolescente: um Estudo
a partir da Construção
Plástica e do
Conceito de Apropriação*

Karine Gomes Perez

O presente artigo, o qual relata uma experiência de ensino vivenciada em meio não formal na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, originou-se a partir de Monografia apresentada pela autora em setembro de 2006, no Curso de Graduação em Desenho e Plástica - Licenciatura Plena, da UFSM. Seu principal objetivo foi constatar a influência da cultura visual no imaginário adolescente, através da construção plástica, partindo do conceito de apropriação. Para esse fim, houve o contato direto e constante com um grupo de três adolescentes, visando-se à obtenção de dados para a presente pesquisa. Nesse sentido, foi trabalhada a arte contemporânea, mais especificamente, o conceito de apropriação, devido a sua amplitude, que permitiu ao grupo construir plasticamente, usando materiais diversos pertencentes à cultura visual. Assim, através dos trabalhos produzidos e de uma entrevista semi-estruturada, foi possível estabelecer relações entre a cultura visual, o imaginário adolescente e o Ensino das Artes Visuais.

A reflexão de um porquê...

O presente estudo trata de uma experiência de ensino vivenciada em meio não formal na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ela se originou em função de minha monografia apresentada em setembro de 2006 no Curso de Graduação em Desenho e Plástica - Licenciatura Plena da UFSM.

Para sua realização foi considerado que, na atualidade, a cultura visual constitui-se um dos paradigmas no Ensino das Artes Visuais, sendo relevante utilizá-la em sala de aula, pois ela faz parte da vida dos adolescentes. Além disso, devido ao fato de estar presente em nosso cotidiano uma infinidade de imagens que, muitas vezes, são impostas, acredita-se ser relevante constatar a influência da cultura visual no imaginário adolescente, através da construção plástica, partindo do conceito de apropriação. Isso em razão de os participantes da pesquisa se encontrarem em um período da vida, no qual, aos

poucos, vão adquirindo características de adultos, buscando conquistar a autonomia e a construção de suas identidades e seus valores, pautados no contexto em que estão inseridos. Assim, pelo motivo de os adolescentes estarem em constante interação com os meios visuais, foi necessário descobrir até que ponto esses meios estão presentes em seus imaginários e a influência que exercem sobre as preferências, o aprendizado, os conceitos, enfim, sobre a vida dos jovens.

Breve Explicação sobre Cultura Visual, Imaginário e Apropriação

A abordagem do trabalho utiliza um conceito amplo de cultura visual, que engloba objetos e imagens familiares, pertencentes ao universo visual e à cultura próxima ou distante de um determinado grupo de pessoas, tais como as imagens provenientes dos meios de comunicação, como revistas, imagens publicitárias e da internet, assim como, roupas, ícones populares, moda, fotografias, além da própria arte. Nesse sentido, Hernández (2000) destaca a importância em integrar à educação objetos que fazem parte do universo visual como estratégia de compreensão, pois “o objetivo da aprendizagem é estabelecer relações entre os conhecimentos que se possui e os novos problemas-situações apresentados a quem aprende” (Ibid., 2000, p.54).

Nesse sentido, a cultura visual serve como base às apropriações e criações do grupo pesquisado, sendo utilizada, algumas vezes, como referencial ou como suporte, interferindo, talvez de forma inconsciente, na construção plástica do grupo. Já a apropriação foi entendida como uma vertente que não se estende somente à arte contemporânea, estando presente em vários aspectos da nossa cultura. Porém, este estudo considera que, na arte contemporânea, o termo apropriação sugere que o artista incorporou à sua obra materiais híbridos que não faziam parte do campo da arte, tais como objetos e imagens de diversas naturezas, além de conceitos, idéias, estilos e textos. Esse conceito também pode indicar que o artista se apropriou de partes de obras de outros autores ou da história, atribuindo-lhes novos significados. Dessa forma, para Cristofaro (2005), o motivo da apro-

priação está na criação de um novo código de leitura que ultrapasse os significados iniciais das imagens, atribuindo-lhes nova compreensão.

Esse conceito, além das imagens de obras de artistas que trabalharam com apropriação, foi de extrema importância na presente pesquisa, pois serviu de referência à construção plástica do grupo, além de ser o viés pelo qual foram abordados conteúdos de arte. A ideia de apropriação parte do princípio de que a cultura pertence à coletividade e constrói constantemente seu imaginário (ESTÚDIO DIGITAL CASTHALIA, 2006). Por conseguinte, o imaginário é formado por elementos elaborados e modificados da realidade, dependendo das experiências vividas, das necessidades e dos interesses de cada indivíduo, estando relacionado ao seu contexto e ao mundo real. Assim, de acordo com Vigoskii (1996), mesmo as maiores fantasias são combinações de elementos da realidade, submetidos à reelaborações na imaginação do sujeito. Desse modo, através da presente pesquisa, o grupo criou suas imagens, utilizando-se do imaginário e assimilando o meio visual em que vivem.

Desvelando o Caminho Percorrido

A presente pesquisa de campo apresentou como linha metodológica a abordagem qualitativa, que se trata da obtenção de dados descritivos, obtidos através de contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando o processo e considerando as particularidades dos participantes (Lüdke; André, 1986). Utilizando essa abordagem, a experiência foi desenvolvida com um grupo de três



Fig. 01. O grupo trabalhando, 2006⁵.

⁵Excetuando-se as fotografias onde consta a referência da internet, todas as demais foram realizadas pela autora.

adolescentes de 17 anos, estudantes de cursos pré-vestibulares da Cidade de Santa Maria – RS. A coleta de dados ocorreu em minha residência, estendendo-se durante os meses de junho e julho de 2006, perfazendo um total de seis encontros com duração média de quatro horas. Ao longo da pesquisa, foram empregados os seguintes instrumentos de coleta de dados: observação participante, diário de campo, entrevista semi-estruturada e análise documental.

A fim de investigar o grupo através da produção de trabalhos plásticos, considerou-se relevante partir de imagens e objetos já existentes, para evitar constrangimentos, pois geralmente o adolescente julga não saber desenhar. Em razão disso, nos encontros foi trabalhada a Arte Contemporânea, mais especificamente, o conceito de apropriação, devido sua amplitude, que permitiu ao grupo construir plasticamente, usando materiais diversos, pertencentes ao contexto e à cultura dos adolescentes.

Nos encontros com o grupo, a interação se deu de maneira informal e descontraída. Desse modo, foi formado um círculo, sobre almofadas no chão e, ali, desenvolveram-se nossas conversas e a produção plástica. Nesses períodos juntos, foram utilizados diversos procedimentos, os quais se apresentam simplificados da seguinte forma: em um primeiro momento, a abordagem se concentrou em conteúdos teóricos, relacionados com a apropriação, podendo se tratar de conceitos, artistas ou movimentos artísticos (Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo e Pop Art) que possuíssem características relacionáveis às apropriações contemporâneas. Além disso, mostraram-se imagens de obras, para exemplificar os conteúdos estudados, relacionando-os a questões cotidianas, na tentativa de contextualizá-los. Dentre os artistas contemporâneos brasileiros e estrangeiros mostrados ao grupo estão: Nelson Leirner (fig.02), Keila Alaver (fig. 03), Fernando Lopez Lage, Mônica Rubinho, Hélio Melo, Ana Luiza Kalaydjian, Felipe Rosa Guia, Renato Dib, Beth Moysés, Pazé, Claes Oldenburg, Arman, Jeff Koons, Haim Steinbach (fig.04), Tony Cragg (fig. 05), Sérgio Lopes e Albano Afonso.



Fig. 02. “Futebol” de Nelson Leirner,
Fonte: http://jameswagner.com/mt_archives/2004



Fig. 03. “Karen, Sandra, Ellen, Eliane, Henry, Keila e chico, back-light” de Keila Alaver, 1996.
Fonte: <http://www.joycelarronda.com.br/1biena14/keila01.jpg>



Fig. 04. “Novas pedras” de Tony Cragg, 1982.
Fonte: <http://redescolar.ilce.edu.mx/redescolar/proyectos/...>



Fig. 05. “Relacionados e diferentes” de Haim Steinbach, 1985.
Fonte: <http://www.culture.lt/iliustracijos/satenai>

Posteriormente, foi proposto que os participantes construíssem trabalhos plásticos, partindo da apropriação e da cultura visual. Nesse sentido, ao fim dos encontros, cada integrante do grupo apresentou aos outros seus trabalhos, explicando os significados atribuídos e suas intenções.

A seguir, serão apresentados alguns dados coletados nessa experiência investigatória, através de uma análise individual do processo dos participantes da pesquisa, os quais foram tratados por nomes fictícios. Neste momento, será dada ênfase a alguns trabalhos construídos plasticamente, além de falas durante a explicação de seus trabalhos e da entrevista semi-estruturada.

Vanessa

Vanessa é natural de Rosário do Sul e veio morar em Santa Maria em 2005, juntamente com sua irmã. Estuda no curso pré-vestibular “Riachuelo” e tem dezessete anos. Na construção de seu primeiro trabalho (fig. 06), no qual foi solicitado ao grupo que se apropriassem de imagens bidimensionais da cultura visual, Vanessa resolveu colocar uma mulher no centro do papel que, segundo ela, significaria a liberdade e a fé. Falou que queria mostrar a perda da identidade e as coisas materiais, como jóias, querendo mostrar a futilidade. Explicou o trabalho, dizendo: — “As pessoas deixam de lado os valores de antigamente, achando que o dinheiro e os valores materiais, a beleza e o “ter” são a melhor coisa hoje em dia”. Afirmou ainda, que as pessoas não são valorizadas pelo que “são” e sim pelo que “têm”. Para ela: — “Por causa de tudo isso as pessoas estão deixando de lado a fé, que é importante”.



Fig. 06. Primeiro trabalho de Vanessa, 2006.

Na segunda proposta, foi trabalhada a apropriação de imagens digitais, da internet, através da construção de um trabalho plástico utilizando software de tratamento de imagem. Vanessa falou que, em outras ocasiões, já havia tentado trabalhar utilizando programa de computador, mas, segundo ela: — “Não tinha conseguido fazer quase nada”. Mesmo assim, ela teve facilidade em trabalhar com o programa. Ela disse que começou seu trabalho (fig. 07) com coisas que queria para si. Posteriormente, mudou de idéia, afirmando que seu

trabalho, da metade para baixo, significa a terra e as coisas que estão nela (dinheiro, beleza) e, da metade para cima, as coisas que estão no céu (o amor e os anjos). Assim, falou que seu trabalho:

Simboliza a terra e o céu. Na terra tem a tranqüilidade, mas as pessoas se preocupam mais com dinheiro e beleza (...). Elas não têm tempo de ter lazer, se preocupam com a vaidade, o dinheiro e a beleza, que são vaidades... As pessoas têm para se mostrar. Na outra parte, no céu, o azul mostra tranqüilidade, o amor e a paz. As pessoas correm contra o tempo, tudo precisa de dinheiro, ele cobre tudo de bom que tem para desfrutar na vida.

A partir disso, é possível constatar que Vanessa começou o trabalho falando de coisas que queria para si, porém, acabou mudando sua idéia de um tema subjetivo para algo mais abrangente, falando do coletivo, o que demonstra sua visão de mundo. O dinheiro, a vaidade e o misticismo foram preocupações que surgiram ao longo do trabalho.



Fig. 07. Segundo trabalho de Vanessa, 2006.

Já no quarto encontro, trabalhou-se com apropriação de objetos. Como foi solicitado que os trouxessem de casa, Vanessa trouxe seu celular, dizendo que não poderia viver sem ele. Ela pensou que a proposta seria para desenharem os objetos. Quando percebeu que deveria construir algo utilizando os próprios objetos, ela desistiu de usar o celular e preferiu se apropriar dos objetos disponibilizados em uma caixa. Constatou que, por estar trabalhando nos encontros anteriores com religiosidade, queria fazer alguma coisa utilizando santos. Diante da possibilidade de usar três santos, ela escolheu um. Montou uma espécie de “relicário” (fig. 08 e 09), usando vários materiais. Ela disse que o trabalho representava a religiosidade. Falou: — “O meu trabalho simboliza a fé que tenho... para enfrentar todos os obstáculos”.



Fig 08. Terceiro trabalho de Vanessa, 2006.



Fig. 09. detalhe do terceiro trabalho de Vanessa, 2006.

No último encontro, durante a entrevista semi-estruturada, Vanessa falou dos momentos que mais gostou em nossos encontros:

Eu gostei mais de fazer, né? E da hora que tu começou a mostrar mais do cotidiano, né... o que tinha. Eu não sou muito, assim... de me explicar muito da história. E falar do trabalho, eu tive muita dificuldade, porque, às vezes, eu fazia pelo que eu via ali, né? Mais visual do que algo que eu possa falar.

Quando questionada se gostou de trabalhar com imagens pré-existentes ou se preferiria desenhar, por exemplo, Vanessa respondeu: — “Não, eu acho que foi mais fácil, porque eu tenho muita dificuldade em formar idéia, assim... E tu pegando, eu achei mais fácil em cima dela trabalhar. Bem mais fácil!”. Posteriormente, perguntado se os encontros possibilitaram interesse em conhecer melhor a Arte Contemporânea, Vanessa falou: — “Eu acho que isso me despertou bastante o interesse, assim, agora eu já... às vezes, até brincando, assim... eu já olho uma coisa pensando em tudo que a gente tava trabalhando aqui. Tu fica mais curiosa em saber o que é, e que tipo de trabalho é”. Vanessa, referindo-se aos seus trabalhos, disse que eles se identificam:

... Com a minha personalidade, eu acho que é o mais forte, assim... com o que eu mais sou, que eu sou muito de..., não só nas horas que eu preciso, me apegar a alguma coisa religiosa, assim, eu tô sempre por dentro disso e vivendo mais o coração das pessoas do que o que elas aparentam ser, sabe? Eu sempre procuro ver o que elas são, mesmo assim, o trabalho tem a ver comigo.

Ao final dos encontros, conclui-se que Vanessa constrói seu trabalho com uma preocupação mais formal, visual, do que conceitual, o que não quer dizer que o trabalho não tenha sentido para ela. Isso evidencia, apenas, as diferenças nas maneiras de pensar, agir e construir de cada participante. Seus trabalhos evidenciaram certo “romantismo”, um lado sonhador, mas também uma inconformidade com os valores que acredita serem vigentes na sociedade.

Júlia

Júlia tem dezessete anos. Também é natural de Rosário do Sul e veio morar em Santa Maria em 2006. Ela estuda no curso pré-vestibular “Fóton” e divide apartamento com uma amiga. Desde o início dos encontros demonstrou entusiasmo ao trabalhar. Na segunda proposta, a qual foi desenvolvida no segundo e terceiro encontros, foi trabalhada a apropriação de imagens da internet, reelaborando-as

em software de tratamento de imagem. Júlia disse que seu trabalho (fig. 10) mostra:

A dúvida dos adolescentes para (...) escolher a profissão certa, vendo o lado do que tu gosta e se tu vais conseguir no futuro, ver o lado financeiro, se vai conseguir uma vida sem depender de outra pessoa financeiramente. A dúvida em escolher a profissão certa, unir o que gosta de fazer com uma profissão que vai dar um bom lucro para competir com a multidão.

Este trabalho parece expressar, muito bem, a fase a qual Júlia está vivenciando, pois ao prestar vestibular terá que escolher sua profissão. Dessa forma, é possível perceber as preocupações com o futuro profissional, as angústias, as inquietações, os sonhos de poder e sucesso e os obstáculos a transpor. Nesse sentido, Oliveira (1997, p. 46) afirma que “em cada uma das fases do desenvolvimento, o indivíduo enfrenta e precisa resolver um problema central, que é dominante, e necessariamente colocado pela cultura”.



Fig. 10. Segundo trabalho de Júlia. 2006.

No quarto encontro, Júlia levou alguns objetos, conforme solicitado no encontro anterior. Ela trouxe a caixa de seu remédio para tireóide, seu sutiã com enchimento e seu celular. Afirmou que essas são coisas sem as quais não poderia viver. Pensou também em usar coisas que considera inúteis, que não precisariam existir como: “a ba-

nana e o lençol de cima”. Ao final do trabalho, afirmou que ele (fig. 11 e 12) representava as coisas importantes para a sua vida, nas seguintes palavras:

Eu quis colocar várias coisas que são muito importantes para mim no meu dia-a-dia. Coloquei o sutiã de enchimento, que é uma peça essencial no meu vestuário. Coloquei moedas simbolizando o dinheiro e o capitalismo, que hoje em dia sempre estão presentes. Coloquei rosas para simbolizar o amor, que deve estar presente em cada dia e a cada momento. Usei o terço demonstrando que é importante ter fé em nossa vida e nossos atos. O relógio, no sentido de que devemos aproveitar cada segundo do nosso tempo, e o celular mostrando a comunicação que devemos ter com os seres humanos para nos entender. E a pedra é para significar energia que devemos ter para vencer nossa rotina.



Fig. 11. Terceiro trabalho de Júlia, 2006.



Fig. 12. Detalhe do terceiro trabalho de Júlia, 2006.

Nesse mesmo encontro, Júlia resolveu fazer um outro trabalho referente à banana (fig.13 e 14), pois segundo ela: — “É uma fruta que poderia não existir, porque eu não gosto de banana”. Usou uma caixa vermelha como suporte. Dentro dela construiu uma espécie de rede e colocou a banana dentro. Sobre esse trabalho comentou: — “... como eu não gosto de banana, quis mostrar no meu trabalho de que com essa forma... tive o objetivo de ironizar que por eu não gostar da banana ela terá uma tranquilidade por não ser comida”.



Fig. 13. Quarto trabalho de Júlia, 2006.



Fig. 14. Detalhe do quarto trabalho de Júlia, 2006.

No último encontro, durante a entrevista semi-estruturada, referindo-se ao momento mais agradável de todos os encontros, Júlia falou:

Gostei mais de fazer, eu acho, porque, aí, tu tem como colocar coisas que tu não pensa todos os dias, assim... que tu não pára, não tem tempo pra pensar, daí eu aproveitei pra refletir mais sobre o que eu realmente penso. Gostei mais de fazer e de falar.

Ao ser questionada sobre o que achou em trabalhar com imagens e objetos já existentes respondeu:

Ai, eu acho que facilitou muito mais, assim, eu achei melhor trabalhar em uma coisa que já existe, que, daí, tu já pode ter uma base e criar a tua opinião em cima daquilo ali, que... já te dá uma idéia de tu seguir, assim. Eu acho que facilita um monte, assim, que é bem mais fácil, tipo, nós, assim, leigos no assunto, né, háã... aprenda vendo pelo lado desse apropriar, da maneira que tu explicou, do que nós mesmos tenhamos que criar uma coisa do nada, assim, sem nenhuma base, nenhuma coisa, assim, que nos ajude, no caso, a expressar o que a gente realmente quer.

Quando perguntei à Júlia se essa experiência lhe despertou interesse em conhecer melhor a arte contemporânea ela disse:

Eu senti, o pior é que senti, mesmo... sei lá, sabe? Tu passa a olhar, eu comecei a olhar com outro sentido, assim... que antes eu olhava pra uma coisa e pensava, sei lá, o que é isso? Não procurava refletir sobre ela, não procurava achar o porquê e, hoje, eu procuro...

Referindo-se aos seus trabalhos, Júlia disse: — “... eu acho que se identifica mesmo comigo, assim..., ao menos eu pretendi”. De um modo geral, pode-se perceber que Júlia, em suas colocações, apresenta senso crítico apurado; é muito espontânea e sincera em suas colocações. Com isso, gosta de falar de seus trabalhos, demonstrando ousadia e senso de humor em suas criações.

Luis

Luis, também, é natural de Rosário do Sul e veio morar em Santa Maria em 2006. Tem dezessete anos e divide apartamento com dois primos e seu irmão. Estuda no curso pré-vestibular “Máster”, à noite, e trabalha pela manhã. Quando foi convidado para participar da pesquisa, disse que não sabia desenhar. Porém, desde o primeiro encontro, pareceu gostar da idéia de construir trabalhos plásticos.

Luis disse que seu primeiro trabalho (fig. 15) seria “uma charge” sobre o conflito entre os Estados Unidos e o Iraque, muito divulgado nos meios de comunicação, na época da pesquisa. Luis falou de seu trabalho e, também, escreveu sobre ele, explicando:



Fig. 15. Primeiro trabalho de Luis, 2006.

O trabalho envolve duas temáticas, o interesse político dos EUA no território Iraquiano, e, a revolta de Osama com o Modelo político americano (o conflito). Mostrando uma orelha de burro, que representa logicamente, que no conflito da atualidade entre a facção terrorista e o governo americano, sendo uma atitude de burrice, logo abaixo à “máscara”, que como consequência chora pelos furos de flechas que o corpo abaixo sofre (representando a lenta morte da sociedade humana).

Assim sendo, o trabalho tenta mostrar a realidade mundial, onde há conflitos entre nações que, no entanto, sofre sérias consequências como o destruímento (ou morte) da ética. Resumo: é uma charge falando da burrice dos representantes (Osama facção terrorista, Bush EUA) que estão gerando conflitos onde ocorre o sofrimento da sociedade.

Em seu trabalho, a influência do contexto cultural mundial, o qual acompanhamos na mídia e, também, deve estar sendo estudado por ele em seu “curso pré-vestibular”, está presente. Nesse sentido, segundo Vigoskii (1996), o imaginário está pautado no real.

No quinto encontro, trabalhamos apropriação de obras de artistas. Luiz se apropriou da obra “A última Ceia”, de Leonardo Da Vinci. Nos rostos de cada apóstolo colocou outras faces, dividindo de um lado da mesa figuras femininas e, do outro, masculinas, interferindo na imagem com materiais variados. Sobre seu trabalho (fig. 16), Luiz afirmou:

Representa a divisão entre o masculino e o feminino que, na minha visão, hoje em dia existe muito, muita... como é que eu posso dizer... existe muita intriga de sexos: o machismo e o feminismo, que as mulheres não abrem mão das suas... elas sempre ficam fuxicando dos homens... aí elas ficam se falando...ééé... coisinhas de mulher, feminismo. E dos homens sempre acham machão e tal... nunca querem revelar seu lado mais sensível. E as mulheres sempre botam defeito que homem é tudo igual, tudo igual! Tudo igual, mas escolhem tanto...

No meio, é a divisão. O meu trabalho, ele não... eu não pensei no porque da Ceia. Aqui, teria que haver uma comunhão entre eles... Esse traço preto aqui (apontando para o trabalho), teria que se apagar e haver uma comunhão e todos jogar seus pratos na mesa e limpar os pratos e se reordenarem. Teria que haver uma comunhão e uma relação amigável entre eles, não essa coisinha de feminismo e machismo.

Ao ser questionado se tinha um motivo dele ter escolhido a obra de Da Vinci, ele respondeu: — “Tenho, tenho! É porque eu gosto muito da obra dele. Na verdade, é bem conhecida. No caso porque eu li o livro (referindo-se à obra de Dan Brown “O Código Da Vinci), é por isso”.

Esse trabalho foi significativo, pois Luis parece ter se baseado nas conversas das meninas participantes da pesquisa (Vanessa e Júlia), que reclamavam de seus namorados, unindo à polêmica gerada pelo livro “O Código da Vinci”, popular no ano da pesquisa, evidenciando as influências de seu cotidiano no trabalho produzido.

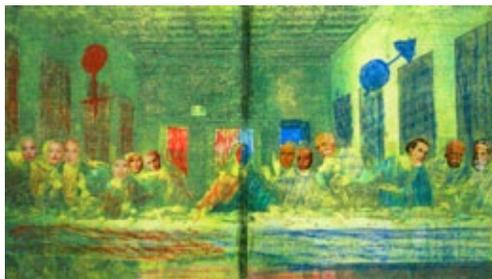


Fig. 16. Quarto trabalho de Luis, 2006.

Quando questionado sobre os momentos que mais gostou nos encontros, Luis responde da seguinte maneira: — “Eu achei interessante o momento teórico e de prática, sabe, de construir em prática, e também gostei do momento de... pôr uma idéia ao trabalho, de falar sobre o trabalho. E a entrevista tô achando legal, também!”

Posteriormente, foi indagado se trabalhar com apropriação de imagens e objetos já existentes facilitou na construção dos trabalhos ou se preferia desenhar ou pintar, por exemplo, sem partir de referências visuais. Luiz disse: — “Prefiro ter a imagem e montar meu trabalho naquela imagem”. Perguntado se esta experiência possibilitou um interesse em conhecer mais profundamente a arte contemporânea, Luiz afirmou:

Sim, báh, me despertou bastante, até já tinha interesse em olhar arte, lá em Paris... Não, é sério...tenho vontade de ir lá. Acho legal, só que acho meio complicado a teoria. Acho legal tu explicando! Achei legal, bem legal, mesmo! Gostei bastante, bá... eu vinha pra cá, eu me desestressava, ficava bem calmo, sério, sério! (...) Saberá dizer: pode ser uma apropriação, esse aqui pode ser um tridimensional... Principalmente esse tridimensional, dá bem pra identificar...”

Por fim, referindo-se a seu trabalho comentou: — “... Alguns trabalhos dá pra dizer que sim, que têm relação com o meu pensamento, sim.” Percebe-se que Luiz demonstrou-se otimista e utópico em seus trabalhos, apesar de perceber os conflitos e as diferenças ideológicas do mundo.

Finalizando o olhar investigativo

A preocupação central da pesquisa foi questionar se seria possível visualizar nos trabalhos do grupo a influência que a cultura visual exerce em seu imaginário. Dessa interrogação deriva a inquietude de saber se o fato de trabalhar a partir de imagens da cultura visual e do conceito de apropriação poderia ajudar o grupo a explorar seu imaginário. Além disso, o trabalho buscou analisar se a cultura visual e o conceito de apropriação despertariam no grupo interesse em conhecer a arte contemporânea de forma mais aprofundada.

Pensando nessas questões, constatou-se que o uso de materiais diversos pertencentes à cultura visual, possibilitou aos participantes a atribuição de sentido aos seus trabalhos, transparecendo seus questionamentos, desejos, angústias, crenças, preocupações com o futuro profissional e financeiro, referências ao mundo e a si próprios, suas inconformidades com os valores vigentes e o bom humor. Nesse sentido, a partir da construção plástica, o grupo pôde comunicar e expressar alguns fragmentos de seu imaginário, pautados nas coisas que conhecem do mundo e em suas vivências reais.

Além disso, concluiu-se que não é somente a cultura visual que exerce influência sobre os adolescentes, mas, também, as interações com outras pessoas, relacionando os novos aprendizados ao que já sabem. Ao fim, essa foi uma experiência muito agradável e significativa, onde o grupo surpreendeu positivamente em diversos casos, com o entendimento das propostas, fato evidenciado nos trabalhos plásticos e nas falas. Obviamente que, devido às diferenças entre os sujeitos, algumas propostas e conteúdos foram mais significativos do que outros. Além disso, em função do tempo, muitos conteúdos não foram aprofundados, mas, de forma geral, é possível concluir que o objetivo da pesquisa foi alcançado. Assim, ao longo deste percurso, constatou-se que o imaginário e o interesse em aprender somente são evidenciados através de um processo de atribuição de sentido às imagens e conteúdos, por parte dos adolescentes. Porém, isso acontece se o educador partir de meios próximos a eles, estabelecendo outras relações com suas realidades, para que lhes possibilite vivenciar novas experiências que ajudem na produção de conhecimento.

Referências

BARBOSA, A. M. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CRIMP, D. *Apropriando-se da apropriação*. In: CRIMP, Douglas. *Sobre as ruínas do Museu*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 115-130.

CRISTOFARO, V. F. de. *Imagens Surrupiadadas. A arte da apropriação*. *Revista da Pós Graduação em arte e Tecnologia da Imagem – UNB, Brasília. 2v, "não-paginado"*, 2005. Disponível em [http://www.arte.unb.br/revistadearte/valeria_valeria .htm](http://www.arte.unb.br/revistadearte/valeria_valeria.htm). Acesso em: 15/06/06.

ESTÚDIO DIGITAL CASTHALIA. *Apropriação*. 2006. Disponível em http://www.casthalia.com.br/a_mansaopreste_atencao/apropriacao.htm. Acesso em: 15/06/06.

HERNÁNDEZ, F. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, V. F. de. *Imaginário social e escola de segundo grau*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

PILLAR, A. D (Org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

POSTIC, M. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VIGOSKII, L.S. *La imaginación y el arte en la infancia (Ensayo psicológico)*. 3. ed. Madrid: Akal, 1996.